

## PUBLICAÇÕES EDIPUCRS

Maria da Glória Bordini e Regina Zilberman (Orgs.)  
**O TEMPO E O VENTO:**  
**história, invenção e metamorfose**  
*Literatura Brasileira/Grandes Obras n.º 1*  
 2004

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS  
 Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33  
 Caixa Postal 1429  
 90619-900 - Porto Alegre - RS/BRASIL  
[www.pucrs.br/edipucrs/](http://www.pucrs.br/edipucrs/)  
 E-mail [edipucrs@pucrs.br](mailto:edipucrs@pucrs.br)  
 Fone/Fax: (51) 3320.3523

# Processos fonológicos de ancoragem e aquisição de determinantes

Raquel S. Santos\*  
 Ester M. Scarpa\*\*

## 1 Introdução

A maior parte dos estudos identifica os determinantes-artigos levando em conta fatores distribucionais e fonéticos (cf., por exemplo, Pizutto e Caselli, 1992; 1993; Hyams, 1994; Lopes, 1999):

- a. os determinantes "parecem-se" fonologicamente com artigos;
- b. os determinantes preenchem a posição anterior a um nome.

Por exemplo:

- |              |             |
|--------------|-------------|
| 1) [a 'bɔla] | R. 1: 5; 10 |
| 2) [u 'pɛ]   | T. 1: 11    |

Segundo Hyams (1994), na gramática inicial, as categorias funcionais são subespecificadas. O sistema D é opcional, devido ao mapeamento de sentenças dentro da representação discursiva por parte de princípios pragmáticos. O traço específico de definitude de D permite determinados efeitos sintáticos que não são possíveis sem ele (por exemplo, somente NP indefinido pode ser sujeito pós-verbal de construções existenciais; só os NPs definidos permitem o alçamento na árvore sintática em alemão). Segundo a autora, há uma marcação pragmática que tem como valor *default* para D "interpretação de já conhecido, familiar". Para o sistema lingüístico do adulto, o núcleo de DP deve ser definido, produzido por um ope-

\* USP. [raquelss@usp.br](mailto:raquelss@usp.br)

\*\* UNICAMP. [scarpa@iel.unicamp.br](mailto:scarpa@iel.unicamp.br)

rador de determinantes que seleciona um NP co-indexado ou contra-indexado, enquanto que para o sistema da criança, além das opções de co-indexação e contra-indexação, há a opção do D ser não-indexado. Apesar de D ser subespecificado nesta última opção, o NP é interpretado semanticamente. Para Hyams, o sistema dos determinantes está subespecificado porque outros domínios com os quais o domínio lingüístico interage (neste caso, a pragmática) não estão plenamente desenvolvidos.

Pizzuto e Caselli (1992; 1993), tratando da aquisição do italiano entre 1;4 – 3;0, discutem a aquisição da morfologia livre, incluindo os artigos. Segundo as autoras, uma vez que o parâmetro que exige concordância pertence à gramática nuclear do italiano, mas à gramática periférica do inglês, as crianças italianas adquirem os artigos e outras categorias funcionais mais cedo que as crianças que adquirem inglês.

Lopes (1999), analisando dados de crianças entre 2 e 4 anos, discute a assimetria entre a produção de sujeitos e objetos no que se refere à presença de um artigo (DP vs. NP *singleton*). A autora propõe é que o fato que os objetos aparecerem como DPs plenos, enquanto os sujeitos aparecem como *singletons*, acontece por razões de linearidade. A autora argumenta que, como o DP sujeito não c-comanda o VP, a linearização com DP pleno em lugar de sujeito não é possível. Por isso, a criança utiliza o *singleton*. Esse problema não ocorre com o objeto, e por isso ele aparece mais preenchido por DPs plenos.

No entanto, o primeiro fato a se notar é certos segmentos preenchedores antecedem o nome ou o verbo nos enunciados da criança, num período bem anterior àquele focalizado pelos estudos sobre aquisição de determinantes. No caso dos nomes (que nos interessa neste artigo), estes segmentos ocupam a posição normalmente preenchida pelo determinante em português. É possível encontrá-los, por exemplo, até mesmo antes de 1;5, num período em que não se pode decidir se se trata de DPs sujeitos ou objetos:

- |                   |             |
|-------------------|-------------|
| 3) [u 'pa ]       | R. 1: 3; 19 |
| 4) [ati u po'po]  | R. 1: 5; 18 |
| 5) [ə 'boia]      | R. 1: 5; 10 |
| 6) [ə ne'ne]      | T. 1: 6; 4  |
| 7) [u pi'piw 'ki] | T. 1: 7; 12 |
| 8) [ə 'muska]     | T. 1: 7; 8  |

Geralmente, estudos que têm como escopo a sintaxe tendem a desconsiderar dados mais iniciais, que, ao contrário, têm sido cada vez mais privilegiados nos estudos fonológicos e nas considerações sobre a natureza da interface fonologia-sintaxe. São, portanto, o material de análise para aqueles que assumem algum processo de ancoragem (*bootstrapping*) da fonologia para a sintaxe.

## 2 Análises morfo-sintáticas

Dado o fato de que esses sons iniciais, chamados de “preenchedores”, ocorrem antes do período analisado (2 a 4 anos), há propostas de que esses sons sejam analisados como guardadores de lugar (*place-holders*), dispositivos pré-sintáticos – cf. Bloom (1970); Dore, Franklin, Miller e Ramer (1976); Bottari, Cipriani e Chilosi (1992); Pizzuto e Caselli (1992, 1993); Peters e Menn (1993). Analisados como elementos gramaticais iniciais, eles indicariam conhecimento de algumas categorias funcionais do adulto e apareceriam no final do período de uma palavra.

Para Peters e Menn (1993), os *place-holders* são proto-morfemas que ocupam posições de morfemas específicos na linguagem do adulto. Conforme a autora, os *place-holders* ocupam o lugar de elementos funcionais, não os distinguindo entre morfemas livres ou presos. Os *place-holders* são geralmente um schwa [ə] e caracterizam-se por não portarem acento nem serem semanticamente salientes.

Bottari, Cipriani e Chilosi (1992) assumem que os *place-holders* monossilábicos são, em geral, segmentos vocálicos que partilham o traço [-tenso], que são inseridos na fala das crianças como dispositivos proto-sintáticos, formas embrionárias de morfemas livres que indicam que há um estágio, durante o processo de aquisição do Determinante, em que há um só elemento que é considerado subespecificado morfologicamente. As autoras propõem que os *place-holders* indicam uma consciência adquirida de algumas propriedades das configurações estruturais subjacentes. Na maioria dos casos, não devem ser vistos como produções imperfeitas de morfemas específicos, mas funcionam para sinalizar a existência de posições sintáticas além das ocupadas por argumentos e predicados. Duas restrições governam sua ocorrência: sempre precedem itens lexicais e raramente substituem palavras de conteúdo ou itens de classe aberta.

Os *place-holders* têm, então, um papel proto-morfêmico, preenchendo o lugar de diferentes elementos funcionais. Aparecem em contextos diferentes em tempos diferentes e cessam da mesma



forma, quando o elemento funcional que eles estão substituindo é aprendido (artigo, preposição, clítico, cópula, modal, operador de negação, pronome interrogativo). Segundo os autores, inicialmente a posição pré-nominal é preenchida, depois a posição pré-verbal; após esta os segmentos vocálicos aparecem frente a infinitivos ou agindo como pronomes proto-interrogativos.

Os *place-holders* monossilábicos são uma manifestação de ancoragem fonológica dentro da morfologia. Sua inserção é dependente, a partir da experiência fonética, da extração de generalizações sobre a organização estrutural de cadeias lingüísticas, o que presume capacidade por parte da criança de fazer inferências estruturais a partir da forma fonética. Os autores afirmam, então, que a produção de *place-holders* é uma manifestação de que está havendo uma conscientização sobre a existência de posições estruturais que precisam ser preenchidas. Não são nem tentativas de produzir um morfema específico e nem estratégia imitativa de reproduzir seqüências.

Segundo Bottari *et al.* (1992), a aquisição do artigo definido não parece ser desencadeada por nenhuma condição pragmática ou semântica que caracterize seu funcionamento na linguagem do adulto. No período inicial, há uma alta percentagem de omissões com respeito às ocorrências dos artigos e substituições por *place-holders*. Há grandes variações na relação entre ocorrências e substituições e quase todas as formas do artigo aparecem, mas nenhuma delas com valores percentuais relevantes. Com o passar do tempo, as omissões diminuem até parar, as ocorrências e substituições aumentam, excedendo as omissões, e as ocorrências excedem as substituições. Os autores concluem que os *place-holders* identificam os espaços a serem saturados na estrutura sentencial. O "*place-holder*" monossilábico precede o uso e é independente deste, como também possivelmente da consciência da existência de variantes morfológicas específicas da categoria de artigo.

### 3 Análises prosódicas

As análises observadas até agora levam em conta apenas a sintaxe no processo de aquisição dos artigos. Peters e Menn (1993), Scarpa (1993; 1999), Santos (1994; 1995) e Lleó (1997, 2000) são alguns dos trabalhos que relacionam a aquisição a processos fonológicos.

Lleó (1997, 2000) atesta que, em espanhol, algumas formas clínicas aparecem mais cedo do que em outras línguas (inglês, italiano, alemão) – dados de até 1;4. Segundo a autora, a diferença na

aquisição do artigo em alemão e em espanhol deve-se ao arcabouço prosódico da fala da criança. A autora assume que as crianças passam por um estágio inicial em que a palavra consiste de um pé binário. Como o alemão é sensível à quantidade silábica, as crianças podem produzir enunciados de 2 sílabas leves ou 1 pesada (cf. (16)-(18)). Como o espanhol é insensível à quantidade silábica, nos enunciados sempre há 2 sílabas (cf. (9)-(15)). Assim, os proto-artigos são compulsoriamente produzidos com monossílabos para preencher o pé binário:

Espanhol		
9) [e'fah] ~ [he'fah]	podim	M. 1: 7; 24
10) [e'ce]	trem	M. 1: 7; 24
11) [a'bado]~[há'bado]	prato	M. 1: 7; 24
12) [u'pe]	pé	Mg. 1: 7; 26
13) [u'den]	trem	Mg. 1: 7; 26
14) [e'moto]	moto	Mg. 1: 7; 26
15) [a'kuja]~[a'poja]	mariposa	Mg. 1: 7; 26

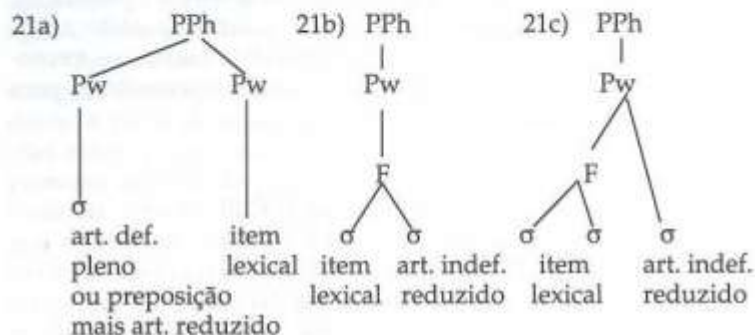
Alemão		
16) [ʔa'mon]	boca	B. 1: 10; 20
17) [hadan] ~[mbal]	bola	B. 1: 10; 20
18) [mbed]	cama	B. 1: 10; 20

A produção de artigos com nomes dissílabos é restrita em espanhol e cria trissílabos. A proposta de Lleó (1997) é que a criança já deixou o estágio de palavra mínima mais cedo. Segundo a autora, os trissílabos deixam a criança consciente do nível da palavra fonológica. Isto é, assumindo que os pés são necessariamente binários, um enunciado trissílabo requer dois níveis diferentes (pé e palavra). Uma vez que a distinção entre esses dois níveis é introduzida na gramática, as palavras prosódicas consistindo de um artigo mais um dissílabo podem ser representadas.

Para o alemão, os artigos têm uma forma plena e uma reduzida. Os artigos definidos normalmente aparecem em sua forma plena; aparecem reduzidos quando precedidos por uma preposição (cf. 19 e 20).

Forma plena	Forma reduzida
19) [an dem]	[am]
20) [bei dem]	[beim]

Os artigos definidos plenos são analisados como palavras fonológicas independentes. Quando é reduzido depois de uma preposição, é um clítico e constitui uma única palavra fonológica com a preposição, sendo, portanto, enclítico (cf. 21a):



Para o artigo indefinido, Lléo propõe que a forma plena é uma palavra fonológica independente. A forma reduzida cliticiza-se com a palavra à direita. Pode formar um pé se a palavra for um monossílabo, ou uma sílaba adjungida diretamente à palavra, se a palavra for um dissílabo (cf. (21b) e (21c), respectivamente).

Lléo (1998, 2000) defende que, para o espanhol, há um estágio 0 responsável pelas produções monossilábicas (cf. (22a)), que o estágio 1 é binário e aplica-se ao espanhol, inglês e alemão (cf. (22b)) e que o segundo estágio é diferente para o alemão e o inglês, por um lado (cf. (22d)); e o espanhol, por outro (cf. (22c)):



a sílaba não peificada no estágio 2 em espanhol é preenchida por uma consoante laríngea ou uma vogal aberta. Esta sílaba não peificada pode ser a pré-tônica de um trissílabo ou um artigo reduzido.

Segundo a autora, o processo de aquisição dos artigos em alemão e espanhol segue o seguinte desenvolvimento: em espanhol, a produção é de 20% dos artigos produzidos frente a NPs em con-

textos obrigatórios por volta de 1;7. Em 1;9 preenche 40% e aumenta até 1;11, quando estabiliza-se em 90%. Em alemão, até 1;10 a produção é de 0%. Com 1;11 está em 20% e começa a aumentar. Por volta de 2;3 atinge os 80% de preenchimento dos contextos obrigatórios. Deve ser frisado que, apesar da abordagem prosódica, não ficam claros os critérios de obrigatoriedade de uso dos artigos.

Muito embora os artigos em português tenham um comportamento bastante parecido com o espanhol, nossos dados do português brasileiro mostram especificidades não presentes nos dados recobertos pela análise proposta por Lléo. Eis algumas diferenças:

- a. a produção de monossílabos, característicos do estágio 0, é muito marginal nos dados por nós analisados. O uso é restrito e sempre há a retomada do monossílabo por um som preenchedor + monossílabo. Por exemplo:

M. Alô!

23) [la]

M. Alôo!

24) [la] [a'la]

25) [a'la] [a'la] R. 1: 3; 19

M. Alô!

R. tenta "abrir" o microfone.

26) [ba]

27) [a'ba] [a'ba] interpretado como "abrir" pela mãe. R. 1: 3; 19

- b. Como veremos adiante, Lléo também não se refere ao tipo de pés dos enunciados das crianças. A literatura defende uma tendência inicial trocaica (Fikkert, 1994; Demuth e Fee, 1995; Demuth, 1996; Fikkert, 1994). No entanto, os dados de Lléo, bem como os de Santos e Scarpa (2003) e de Paoletti (2003), questionam esta tendência na produção dos enunciados em fases mais iniciais.

- c. A autora parece defender que desde o início estes sons são *place-holders* de artigos. Não há outras evidências (sintáticas e semânticas) para tal fato. Nossos dados do português contrariam essa posição.

- d. Não fica claro como a criança que está adquirindo qualquer língua pode diferenciar trissílabos de *place-holders* + dissílabos.

- e. Finalmente, a criança brasileira também produz, inicialmente, enunciados com 4 sílabas:



28) [i.li.'lɛ.la]	cadê a Lela?	R. 1: 5; 18
29) [ka.le.'lɛ.la]	janela	R. 1: 6; 3
30) [ma.na.ma.na]	banana	R. 1: 6; 3

esses casos são sempre de reduplicação de sílaba, mas indicam que as crianças não estão trabalhando com o arcabouço do estágio 2 do espanhol, mas do que ela propõe ser o estágio 2 do alemão e inglês.

#### 4 Os dados do português Brasileiro

Chamamos atenção, abaixo, para as principais variações que os sons analisados como proto-artigos se comportam quanto à fonologia, morfologia, distribuição frente a diferentes categorias gramaticais, distribuição dentro do enunciado fonológico, arcabouço prosódico, e processo de aparecimento do desenvolvimento de duas crianças.

##### a. Tipos de sons

Embora os estudos sobre os proto-morfemas assumam que são monossílabos átonos, em geral um schwa, observa-se que eles se caracterizam, em português, por serem [-tenso]. Em português, as seguintes formas são encontradas: [a][ə][o][u][i][?]. Como observado pelos estudos acima, todos eles são átonos.

31) [ə ne'ne]	nenê	T. 1: 5; 3
32) [a 'gaku]	gato	T. 1: 6; 4
33) [ʔa'si]	assim	T. 1: 6; 24
34) [u 'kaku]	macaco	T. 1: 7; 1
35) [a ka'kaku]	macaco	T. 1: 7; 12
36) [u 'usa]	puxa	T. 1: 7; 12
37) [a 'la]	lá	R. 1: 3; 19
38) [ə 'bɔla]	bola	R. 1: 5; 10
39) [a 'pɛ:]	por	R. 1: 5; 18
40) [adi i 'lɛla]	cadê a Lela?	R. 1: 5; 18
41) [o a kɔ 'ju:]	caiu	R. 1: 7

##### b. Subespecificação morfológica

Até por volta dos 1:9, não é possível encontrar uma relação entre a forma fonológica e a marca de gênero do determinante-artigo:

42) [a ne'ne:]	nenê	T. 1: 5; 10
43) [a pi'piw]	piupi	T. 1: 6; 10
44) [a 'poku]	porco	T. 1: 7; 12
45) [a ko'kɔ:]	cocó (galinha)	R. 1: 5; 18
46) [a ota mu'ni:nu]	outro menino	R. 1: 9; 8
47) [a balaləw 'ʒiɲu:]	a+cavalinho	R. 1: 9; 8

##### c. Distribuição nas classes gramaticais

Também é possível observar que a distribuição dos segmentos preenchedores não é morfologicamente sistemática. Nem sempre os sons identificados como determinantes-artigos precedem nomes. É possível encontrá-los também frente aos seguintes sintagmas:

VP		
48) [a 'pɛ:]	põe	R. 1: 5; 18
49) [a ta 'basu]	tá embaixo?	R. 1: 6; 29
50) [o vɔtu'ʒa]	volto já	R. 1: 9; 8
51) [o a kɔ'ju:]	caiu	R. 1: 7
52) [a pu 'sa]	puxa	T. 1: 7; 12
53) [a pe'do]	pegou	T. 1: 7; 12
54) [o: 'sita]	senta	T. 1: 10; 22
55) [ʔa' sɛta]	acerta	T. 1: 10; 22

##### PP/AP

56) [a 'majs]	mais	T. 1: 7; 12
57) [a pate'a]	pra tirar	R. 1: 6; 22
58) [a ota mu'ni: nu]	outro menino	R. 1: 9; 8

##### d. Posição no Enunciado

Finalmente, cumpre notar que esses sons não aparecem somente em posição inicial de enunciado. Podem também aparecer em posições medial ou final:

59) [de.ta.'ʔa]	deitar	T. 1: 6; 27
60) ['maj.si]	mais	T. 1: 7; 12
61) ['doj.si]	dois	T. 1: 7; 12
62) [pii'tāw]	capitão	T. 1: 11; 2
63) [te'je]	trem	R. 1: 5; 27

Chamamos a atenção para o fato de que estes sons mediais e finais também existem. No entanto, como este trabalho trata da aquisição de artigos, estamos levando em consideração apenas os dados de sons pré-tônicos.

e. *Processo de Desenvolvimento*

Dois fatos chamam a atenção para o surgimento desses sons e o processo de desenvolvimento dos artigos. O primeiro é que, como visto no item (c) - distribuição nas classes gramaticais-, esses sons aparecem também frente a VPs, PPs e APs. Observa-se, nestes dados (cf. dados (48)-(58)) que, ao contrário do que observam Botari, Cipriani e Chilosi (1992), para o italiano, não há uma distinção temporal quanto ao momento em que ocorrem e desaparecem os sons preenchedores, bem como não há um perfil temporal sistemático quanto à distribuição deles com relação às categorias que os seguem ou precedem. Assim, não é possível afirmar que haveria o preenchimento primeiro da posição pré-nominal, depois a pré-verbal, depois frente a infinitivos.

O segundo fato a ser observado relaciona-se com o surgimento de sons preenchedores frente a posições nominais (NPs). Para T., as produções de NP precedidas por artigos só passam a ser consistentes a partir de 2;5.18 (estabilizando-se com 50% de preenchimento). Antes disso, há muito mais produções sem sons preenchedores (75% de não preenchimento). R. mostra um equilíbrio maior entre a quantidade de produções de NPs precedidos e não precedidos por sons preenchedores. Aos 1;5 ela já produz 40% de preenchimentos de NPs e somente em 3 sessões a percentagem de preenchimento foi abaixo disso. Na seção 5, analisamos esta diferença na produção.

f. *Arcabouço Prosódico*

Os dados apresentados mostram que não é possível identificar esses sons átonos no início das palavras das crianças como proto-artigos. Não há semelhança fonética, não há uso conforme a língua adulta e não há distribuição de preenchimento frente a determinadas categorias sintáticas.

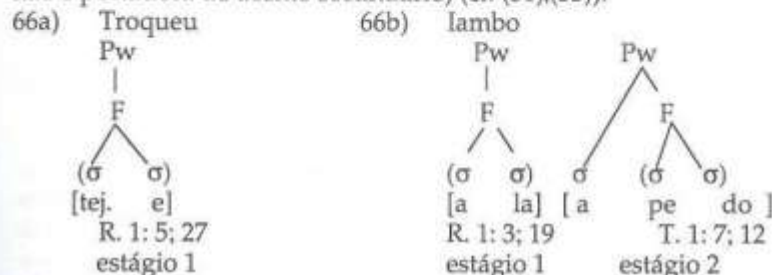
Lléo propõe que esses sons preenchem o arcabouço da palavra fonológica, pois preencheriam o arcabouço, inicialmente do pé, depois, da palavra fonológica com 3 sílabas. Ora, segundo sua proposta, a criança não teria como distinguir entre o *parsing* de [a'leja] (areia) e [ane'ne] (a+nenê), pois ambas preencheriam o mesmo arcabouço.



Não há qualquer evidência que nos permita sugerir que a criança distinga a primeira sílaba de (64) como um som preenchedor, enquanto a primeira sílaba de (65) faz parte da palavra.

Finalmente, o fato de Lléo não mencionar o tipo de pé com que trabalha cria uma dificuldade de *parsing*. Se o pé inicial for um troqueu (cf. (66a)), o esperado para o estágio 1 seria que houvesse inserções pós-tônicas (fato que ela não discute e parece não ter encontrado nos dados). No entanto, esses dados são encontrados em português (cf. (60), (61), (63)).

Não haverá problemas se o pé inicial for um iambo (cf. (66b)). Neste caso, no estágio 1, complementa-se o pé (cf. (37),(39)). No segundo estágio, a sílaba inserida não é peçificada (e, portanto, não é portadora do acento secundário) (cf. (51),(53)).



Embora dê conta dos dados da criança, Lléo não vai conseguir explicar como, então, a criança passa de um modelo iâmbico de palavra para um modelo trocaico (pois, como em português, a maioria das palavras em espanhol é paroxítona).

## 5 Análise dos dados do português brasileiro

Santos (1995), assumindo a proposta de Scarpa (1993:1994), vai propor que esses sons pré-tônicos átonos são inicialmente preenchedores entonacionais e que, posteriormente, serão reanalisados pelas crianças. Alguns desaparecerão, enquanto que outros permanecerão e serão reanalisados como artigos e pronomes.

### 5.1 *Fala inicial: preenchedores prosódicos*

Deparamos-nos, nos enunciados da criança durante o período que coincide com a intensa produção de sons preenchedores, com uma grande incidência de iambs, contrariamente à expectativa da literatura, que diz que a tendência é uma forma trocaica nas palavras da criança (ver Rapp, 1994, entre outros). A análise mais deta-



lhada dos dados de um sujeito, T., pode nos dar explicações mais satisfatória do alcance prosódico dos sons preenchedores. Retomamos aqui Scarpa (1999) sobre o assunto.

Segundo Scarpa, a estrutura prosódica dos enunciados de T. caracteriza-se pela proeminência à direita, o que constitui unidade métrica iâmbica. No entanto, a forma canônica dos dissílabos em português brasileiro é o troqueu. Quando T. se depara com um troqueu, ele antecede a sílaba tônica por uma sílaba átona (mais raramente duas átonas), criando estruturas como:

(67) [m?ˈbiso] m+bicho

(68) [aˈmajs] a+mais

Esta estratégia de preenchimento tem o mesmo objetivo que outra estratégia (menos produtiva) dele, a mudança de acentos:

(69) [muˈzika] ~ [meˈzika]

Ambas as estratégias objetivam uma fôrma prosódica preferencial de palavras de 3 sílabas que tem direcionalidade à direita. Segundo a autora, esta direcionalidade é evidenciada pelo fato de que T. evita troqueus e favorece iambos em seqüências de 2 sílabas; no entanto, se ao pé trocaico antecederem uma (ou duas) sílaba(s) fraca(s). Assim, metricamente a fôrma básica dos enunciados de T. é o pé iâmbico com uma sílaba fraca final em variação livre (extramétrica – Lléo, 1997).

A descrição dos contornos entonacionais de T. também corrobora a análise de que T., neste período, tem uma fôrma iâmbica preferencial. Durante este período (1: 7 a 2: 0), T. tem um contorno entonacional preferencial<sup>1</sup> cuja estrutura pode ser representada como abaixo:

(70) (L) L \*H (L) ~ (L) L \*LH (L)

em que:

L = baixa, breve, fraca. H = alta, longa, forte. LH = ascendente, forte.

Ora, como ilustrado em (67) e (68), a inserção de sons preenchedores ocorre à direita dos troqueus e de monossílabos, transformando-os em iambos. Para T., tanto para a estrutura de pala-

<sup>1</sup> Exceto pelos vocativos, 100% das produções de T. neste período (1: 7 a 2: 0) exibem este contorno.

avras quanto para a descrição entonacional dos enunciados, a sílaba nuclear tem direcionalidade à direita.

Segundo a autora, o fato de que a proeminência acentual dos domínios prosódicos acima da palavra fonológica têm, em português brasileiro, proeminência à direita (Galves e Abaurre, 1996), enquanto que as regras de acento lexical têm proeminência à direita (cf. por exemplo, Massini-Cagliari, 1999), indica que T. está, neste período, fazendo uso de um esquema de proeminência pós-lexical para seus enunciados (talvez a frase fonológica, o domínio prosódico privilegiado para as unidades entonacionais em português brasileiro (cf. Tenani, 2002).

Se a criança estivesse trabalhando com o nível da palavra fonológica, o esperado seria que ela produzisse mais sons do tipo [maj.sĩ] e [doj.si], o que não acontece. Mesmo estes dados serão analisados não como favorecendo um padrão acentual, mas como estratégia para evitar uma estrutura silábica pesada.

Neste trabalho com os níveis mais baixos, a criança fixa uma determinada forma métrico-entonacional e usa sons preenchedores como material fônico para preencher partes faltantes. Se as palavras são maiores do que o contorno, a criança apaga sílabas. Se as palavras são menores, a criança acrescenta sílabas. Santos (1995) aponta que R. não generaliza um determinado contorno para seus enunciados, mas os preenchedores aparecem sempre com um contorno entonacional específico, que tem a mesma forma que o contorno de T.

## 5.2 Reanálise das crianças: emergência dos artigos

Mas se esses sons iniciais não são proto-artigos, são preenchedores rítmico-prosódicos, quando então eles passam a ser reanalisados?

Santos (1995) observa que, nos dados de T., é só a partir de 2;5 que os segmentos vocálicos superam as produções sem esses elementos. No entanto, a autora chama atenção para o fato de que se deve observar se as produções das crianças são retomadas imediatas ou não das produções dos adultos, e se, no caso de se tratar de uma repetição do adulto, se trata de uma retomada do foco do enunciado adulto ou do não foco. Os dados de T., até 1;9 têm mais produções que são retomadas do foco do enunciado adulto (cerca de 70%). A partir de 2;0 equilibram-se os enunciados com retomada e sem retomada do enunciado do adulto. Finalmente, a partir de 2;4, há mais enunciados sem retomada do *input* (65%). No que se refere ao uso, observa-se que, por volta de 2;1, uma das formas

em que o determinante surge na fala de T. é em instanciações de enunciados em seqüência, intermediados ou não por um turno do interlocutor, em que ele primeiro usa os NP sem os segmentos vocálicos, e depois insere-os. Trata-se de uma auto-repetição, primeiro o conceito e depois a especificação (uso exofórico, segundo Castilho, 1989)

- 71) [na'ize]  
M. O nariz? Mostra o nariz.  
72) [u na'ize]  
73) [u na'ize] T. 2: 1; 10

- M. bolinha verde  
74) [mai 'kelu bɔ'liɲa azu]  
75) [mai'e a 'bola su'biu] T. 2: 6; 12

- M. e aqui, o que que tem aqui?  
76) [a ma'mãj]  
77) [bɔ'liɲa] bolinha  
78) [a bɔ'liɲa a'ki] T. 2: 9; 27

- 79) ['barko ku 'esi na'viu]  
M. Navio. Barco com esse navio?  
80) [u u 'barko ku na'vio] T. 2: 0; 27

Como dissemos em 4, as produções de R. são mais estáveis no que se refere à distribuição de sons anteriores a NPs. No que se refere às repetições, observa-se a predominância da não-repetição do adulto (78% desde o início). Estas duas informações parecem corroborar a hipótese de que ela já passou pela transição de sons preenchedores para guardadores de lugar. O mesmo uso exofórico, de auto-repetição, é encontrado nos dados de R., num período mais anterior

- 81) ['bɔla]  
82) [a 'bɔla] R. 1: 5; 10  
83) [ka'ka]  
M. que cacá?  
84) [ka'ka]  
M. ah?  
85) [a ka'ka]  
86) [a ka'ka] R. 1: 6; 6

No entanto, nas situações em que o interlocutor tem dúvidas ou não entende, o uso é contrário: primeiro com o *place-holder*, depois sem. É como se as crianças fizessem o uso exofórico de que fala Castilho, tomando o NP como sendo conhecido pelo contexto. Uma vez que R. e T. percebem que há uma falha na interlocução, que esse NP não está sendo referido por seu interlocutor, eles voltam atrás, instanciam-no, conceitualizando o NP (não fazendo uso do determinante) para depois continuar a interlocução.

- 87) [u ka'soju] o cachorro  
M. cadê?  
88) [ka'soju] cachorro  
89) [ka'soju a'ki] cachorro aqui R. 1: 9; 20

- M. que que o T. fez?  
90) [maj u 'kaxu] mãe, o carro  
M. uh? O que que a Berenice fez?  
91) [ista'go u 'kaxu] estragou o carro  
M. uhn?  
92) [ista'go 'kaxu] estragou carro T. 2: 7; 19

## 6 Considerações finais

Neste artigo, discutimos os segmentos sonoros que aparecem nos enunciados das crianças e que são analisados como preenchedores proto-morfêmicos por análises de aquisição sintática e morfológica. Observando que esses sons surgem num período bem mais inicial do que o que a literatura sobre aquisição sintática e morfológica costuma tratar, aproximamo-nos dos estudos fonológicos, que vêem nestes sons preenchedores fonológicos. No entanto, afastamo-nos das análises prosódicas que defendem que esses sons são preenchedores da fôrma (*template*) básica da estrutura da palavra.

Os tipos de segmentos sonoros utilizados, a distribuição desses sons tanto no enunciado quanto frente a diversas classes de palavra, o momento em que surgem e desaparecem, nos levam a defender uma análise de que esses preenchedores iniciais são antes prosódicos do que sintáticos e que, posteriormente, passam por uma reanálise tanto sintática quanto prosódica, que faz alguns desses sons desaparecerem, por ter sido reestruturada sua motivação - uma determinada fôrma (*template*) métrico-prosódica preferencial, ótima, numa determinada fase da aquisição, que é deixada de lado em fases posteriores. Esta reanálise transforma os sons



preenchedores em guardadores de lugar, a partir dos quais temos a emergência de diversas categorias funcionais. Para este artigo, mostramos como os sons preenchedores são reanalisados como guardadores de lugar dos artigos definidos.

## Referências

- BOTTARI, P.; CIPRIANI, P. e CHILOSI, A. Proto-syntactic devices. *Gen-gen P* vol. 0 Université de Genève, 1992.
- CASTILHO, A. O artigo no português culto falado em São Paulo. *Português Culto falado no Brasil*. Castilho (ed). UNICAMP: Campinas, 1989.
- DEMUTH, K. The prosodic structure of early works. *Signal to syntax: bootstrapping from speech to grammar in early acquisition*. Morgan, J. e K. Demuth (ed), 1996.
- DORE, J.; FRANKLIN, M. B.; MILLER, R. T. e RAMER, A.L.H. Transitional phenomena in early language acquisition. *Journal of Child Language*. Vol. 3, 1976
- FIKKERT, P. *On the acquisition of Prosodic Structure*. Holland Institute of Generative Linguistics, 1994.
- GALVES, C. e ABAURRE, M. B. M. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. *Gramática do Português Falado*. vol. IV, 1996.
- HYAMS, N. The underspecification of functional categories in early grammar. Comunicação apresentada no *Great Britain Child Language Seminar*, Wales, 1994.
- LLÉO, C. Filler-syllables, proto-articles and early prosodic constraints in Spanish and German. *Language acquisition: knowledge, representation and processing. Proceedings of GALA 97*, 1997.
- . Proto-articles in the acquisition of Spanish: interface between phonology and morphology. *Modelle der Flexion: 18. Jahrestagung der Deutschen Gesellschaft für Sprachwissenschaft*, 1998.
- . The interface of phonology and syntax: the emergence of the article in the early acquisition of Spanish and German. *Approaches to bootstrapping: phonological, lexical, syntactic and neurophysiological aspects of early language acquisition* (Weissenborn e Höhle, ed). Vol. 2, 2000.
- LOPES, R. E. V. *Uma proposta minimalista para o processo de aquisição da linguagem: relações locais*. Tese de doutorado. UNICAMP: Campinas, 1999.
- MASSINI-CAGLIARI, G. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Cultura Acadêmica ed., 1999.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Foris Publications, 1986.
- PAOLETTI. *A entonação ascendente na fala inicial da criança: um estudo de caso*. Dissertação de mestrado. UNICAMP: Campinas, 2003.
- PETERS, A. M. Language Typology, individual differences and the acquisition of grammatical morphemes. *The crosslinguistic Study of Language Acquisition*. Slobin (ed) vol. 3, 1992.
- PETERS, A. M.; MENN, L. False starts and filler-syllables: ways to learn grammatical morphemes. *Language*. vol. 69, n. 4, 1993.
- PIZZUTO, E.; CASELLI, M.C. The acquisition of Italian morphology: implications for models of language development. *Journal of Child Language*. vol. 19, n. 3, 1992.
- . The acquisition of Italian morphology: a reply to Hyams. *Journal of Child Language*. vol. 20, 1993.
- SANTOS, R. S. *Uma interface fonologia-sintaxe: o uso de sons preenchedores da categoria funcional dos determinantes no processo de aquisição da linguagem*. Dissertação de mestrado. UNICAMP, 1995.
- SANTOS, R. S.; SCARPA, E. M. A aquisição da morfologia nominal e sua relação com o acento primário. *Letras de Hoje*. vol. 134, 2003.
- SCARPA, E. M. "Filler-sounds and the acquisition of prosody: sound and syntax". Comunicação apresentada no *VI International Congress for the Study of Child Language*, Itália, 1993.
- SCARPA, E. M. (1994). Organizações rítmicas na fala inicial. *Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL*, Universidade Federal da Paraíba, 1260-1266.
- . Sons preenchedores e guardadores de lugar: relações entre fatos sintáticos e fatos prosódicos. In Scarpa, E. M. (ed.). *Estudos de Prosódia*. Campinas: UNICAMP, 253-284, 1999.
- TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no Português do Brasil*. Implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2002.